

Politica de Cinema e Subdesenvolvimento

Gustavo Dahl

"- Vocês não pedem mal..."

Delfim Netto

(dito para Lucy Barreto e Cacá Diegues, num jantar desjejum em Nova Iorque, no início dos anos 80)

A reflexão teórica sobre os aspectos políticos do cinema brasileiro está parada há mais de dez anos, exatamente aonde Paulo Emilio a deixou. Seu ensaio histórico "Cinema: trajetória no subdesenvolvimento" onde ele introduz o conceito de ocupante e ocupado, de superversão por oposição à subversão, do subdesenvolvimento como estado e não como estágio, da rarefeita dialética da construção de nossa identidade nacional, permanece secreto. Mas a situação que lhe previa como pré-condição para que o cinema brasileiro e seus espectadores pudessem reverter a sua incapacidade de modificar esta situação - "a reanimação sem milagre da vida brasileira" - começa a dar-se. Por incrível que pareça, contra a força, há argumento. O velho discurso da contribuição do cinema para a identificação cultural do país, desgastado por servir a qualquer regime, apesar de verdadeiro é inócuo. Dissociado de uma prática política, de uma discussão ideológica, de um debate cultural o cinema brasileiro centrou sua perplexidade na paradoxal convivência de uma indiscutível capacidade de produção que não se via-

bilizava economicamente, e nas suas relações de poder com o Estado e com seu publico interno. Em seis anos o publico de cinema no Brasil passou de 200 milhões de espectadores para menos de cem, o numero de salas de exibição mingua, os custos de produção e comercialização só não paralisam a produção sub-industrial. Os filmes melhoram mas o conjunto da atividade piora. Como esses animais exóticos ilhados pela agua que sobe nas grandes barragens, cada vez mais se restringe o espaço da sobrevivencia. Os espécimens mais fortes expulsam aos trancos os mais fortes, defendendo ferozmente um espaço que se restringe a olhos vistos. Sem entender o que lhes está acontecendo, ansiosos por um futuro que se apresenta como inelutável decadencia o cinema no Brasil perde a olhos vistos a oxigenação que se mercado lhe oferece e delira. Delira apocalipses, saídas messianicas, mecenhas, uma morte ingloria numa civilização perdida entre a barbarie e a decadencia. Só uma metafisica do sub-desenvolvimento, tentada por Glauber em "Estética da Fome" e por Paulo Emilio em seus ensaios sobre colonialismo cultural, conseguiria decifrar a ~~max~~ paralisção cultural e politica porque passa o cinema no Brasil.

Fazendo uma blague com a ~~missiparidade~~ politica do cineasta brasileiro, Eduardo Portela, quando estava ministro, disse que dois cineastas formavam um partido. Eram os bons tempos do inicio do Governo Figueiredo, quando o centauro que nos preside tirava fotos de sunga e ameaçava fazer deste país uma democracia prendendo e arrebrandando.

Atualmente cada cineasta brasileiro é um partido e ninguém se entende cinematográfica-
de. Na periferia da candidatura Tancredo Neves circulam franco-atiradores, intelectuais do PMDB mais ou menos organizados, os azes democráticos do Partidão, mineiros a mancheias, continuistas insinuantes, pedetistas arrependidos, lideranças dos órgãos de representação classista, todos escondendo o jogo, disputando ferozmente o nada. A menos de dois meses do final de um regime político que durou vinte anos o cinema brasileiro se desarticula em camadas superpostas, lancha de ~~vazio~~ vazio ideológico e oportunismo político.

cinemateca brasileira